

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA HEPATITE B NO BRASIL NO PERÍODO DE 2010 A 2020

Thais Stinghel Togneri, Larissa Souza de Oliveira, Dirlei Molinari Donatele, Edson Oliveira Delatorre, Isabella Vilhena Freire Martins, Juliana Alves Resende.

Universidade Federal do Espírito Santo/Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias, Alto Universitário, s/nº - Guararema, 29500-000, Alegre - ES, Brasil, thaisstingheltogneri@gmail.com, lsouza.academic@gmail.com, dirlei.donatele@ufes.br, edsondelatorre@gmail.com, isabella.martins@ufes.br, ju.alves.resende@gmail.com.

Resumo

A hepatite B é uma infecção ocasionada pelo vírus da hepatite B (VHB), transmitida através do contato com substâncias biológicas contaminadas. Este estudo descritivo e retrospectivo objetivou determinar o perfil epidemiológico dos casos de hepatite B no Brasil, compreendidos entre 2010 e 2020. Os dados utilizados são obtidos através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde (SINAN). Os critérios de seleção foram o ano de diagnóstico/sintoma, a faixa etária dos afetados, a fonte mecânica de contaminação/via de transmissão e HBsAg Sorologia/Virologia reagente. No período estudado, 138.351 casos de hepatite B foram notificados, sendo 35% pertencentes a região sul, e houve redução de 54,74% dos casos totais de 2019 (11.555) para 2020 (5227). De 138.331 casos notificados, 49% (61.374) foram entre 20 e 39 anos. De 57.441 casos notificados, 58% (33.868) foram através da via sexual. Os resultados apontam predominância nas seguintes variáveis: notificação na região sul, faixa etária de 20 a 39 anos e fonte de contaminação sexual.

Palavras-chave: Hepatite viral humana. Epidemiologia. Saúde pública. Hepatite B.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde.

Introdução

O vírus da hepatite B (VHB) é classificado na família *Hepadnaviridae*, que engloba vírus hepatotrópicos, que se subdividem em dois gêneros, *Avihepadnavirus* e *Orthohepadnavirus*. O primeiro é responsável por afetar exclusivamente aves. Já o segundo gênero engloba o vírus da hepatite B humana, sendo um dos mais preocupantes (MAGNIUS et al., 2020). O VHB apresenta-se sob forma aguda ou crônica, tendo predileção por células hepáticas, potencialmente resultando em graves consequências hepáticas, incluindo fibrose avançada ou cirrose (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023) que podem desenvolver um carcinoma hepatocelular (GOMES et al., 2013).

Além disso, a hepatite B é altamente transmissível, tornando-se uma ameaça persistente para a saúde global. Na maioria dos casos não apresenta sintomas e muitas vezes é diagnosticada décadas após a infecção, com sinais relacionados a outras doenças do fígado, como cansaço, tontura, enjoo/vômitos, febre, dor abdominal, pele e olhos amarelados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023). O diagnóstico precoce desempenha um papel crucial no manejo da doença, e o teste sorológico de HBsAg, que detecta o antígeno de superfície do vírus da hepatite B, é uma ferramenta fundamental para identificar a presença da infecção (WORKOWSKI; BOLAN, 2015).

Além de sua importância clínica, a hepatite B é um desafio para a saúde pública, em grande parte devido às diversas vias de transmissão que a tornam uma ameaça mundial. A infecção por hepatite B é transmitida principalmente através do contato com sangue, fluidos corporais e relações sexuais desprotegidas com uma pessoa infectada. No entanto, essa doença insidiosa não se limita a essas formas de contágio, podendo também ser transmitida de forma vertical através da amamentação, via transplacentária ou parto, a exposição a materiais contaminados em ambientes de assistência à saúde e procedimentos médicos invasivos, bem como compartilhamento de agulhas e seringas em cenários de uso de drogas (AMARAL et al., 2015). Tais vias de transmissão destacam a complexidade do controle da hepatite B e reforçam a necessidade de abordagens abrangentes de prevenção, educação

na comunidade e a eficácia da vacina como medida de controle deste agravo (PUDELCO; KOEHLER; BISETTO; 2014).

Este trabalho tem como objetivo fornecer uma visão abrangente das características epidemiológicas da hepatite B no Brasil entre os anos de 2010 e 2020, abordando suas implicações para a saúde pública e os desafios que ela apresenta no cenário atual, a fim de auxiliar no desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção, diagnóstico precoce e tratamento, contribuindo assim para a redução da carga global desta doença.

Metodologia

Os dados foram obtidos através do Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde (SINAN), responsável por disponibilizar as informações no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

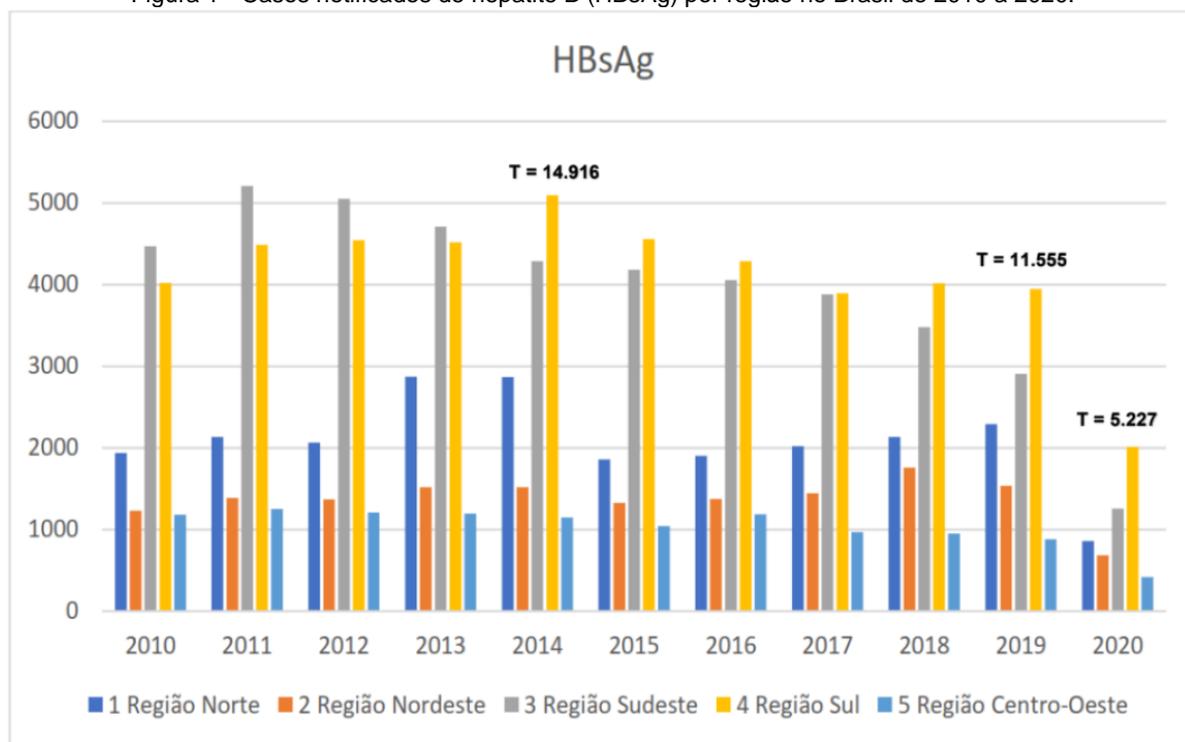
A consolidação e tratamento dos dados foram executados mediante a utilização de planilhas no formato Excel. As métricas aplicadas abrangem a soma, média e proporção relativa a cada variável analisada. As variáveis foram representadas em gráficos, permitindo uma visualização clara das tendências e padrões observados.

Para a obtenção do perfil epidemiológico incluíram-se as variáveis 1. Ano de diagnóstico/manifestação dos primeiros sintomas; 2. Região de notificação; 3. Faixa etária dos afetados; 4. Fonte mecânica de contaminação; 5. HBsAg Sorologia/Virologia reagente; 6. Evolução. Os dados foram processados em planilhas Excel e os resultados gerados foram representados em gráficos.

Resultados

Dos resultados obtidos de 2010 a 2020 (Figura 1), somaram-se 138.351 casos positivos para HBsAg e destes, 35% (N=45.376) foram notificados na região sul do Brasil. O ano de 2014 apresentou um total de 14.916 casos, sendo observada uma redução de 11.555 casos no ano de 2019 para 5227 no ano de 2020.

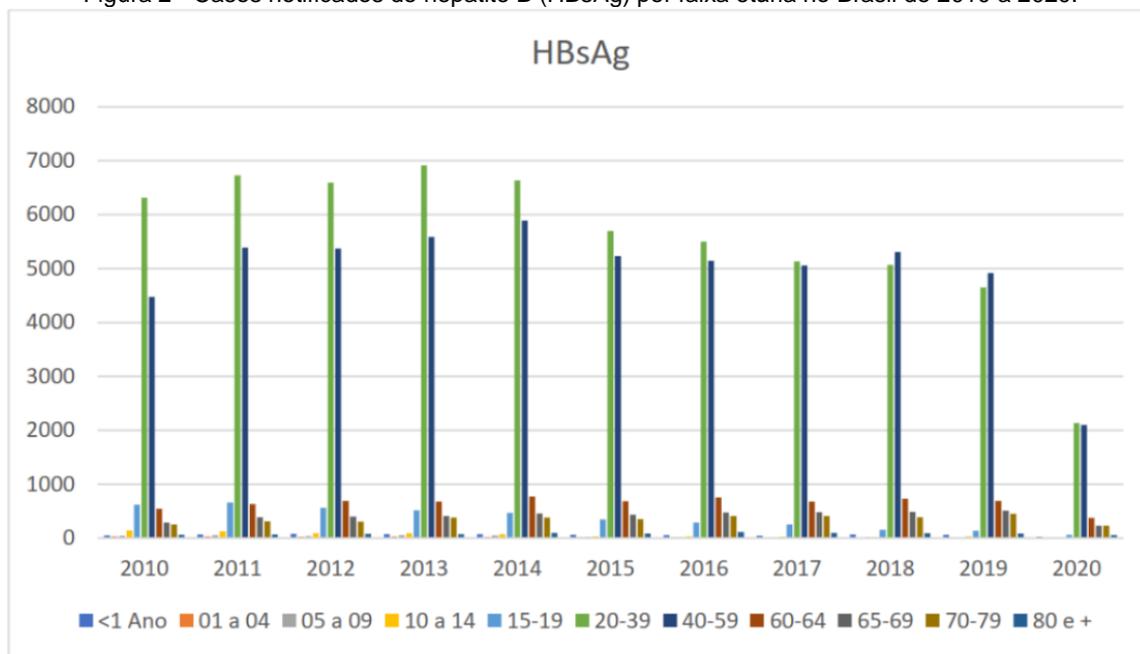
Figura 1 - Casos notificados de hepatite B (HBsAg) por região no Brasil de 2010 a 2020.



Fonte - Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2023.

Em relação à faixa etária (Figura 2), somaram-se 138.331 casos para HBsAg, sendo 49% (61.374) entre 20 e 39 anos de idade.

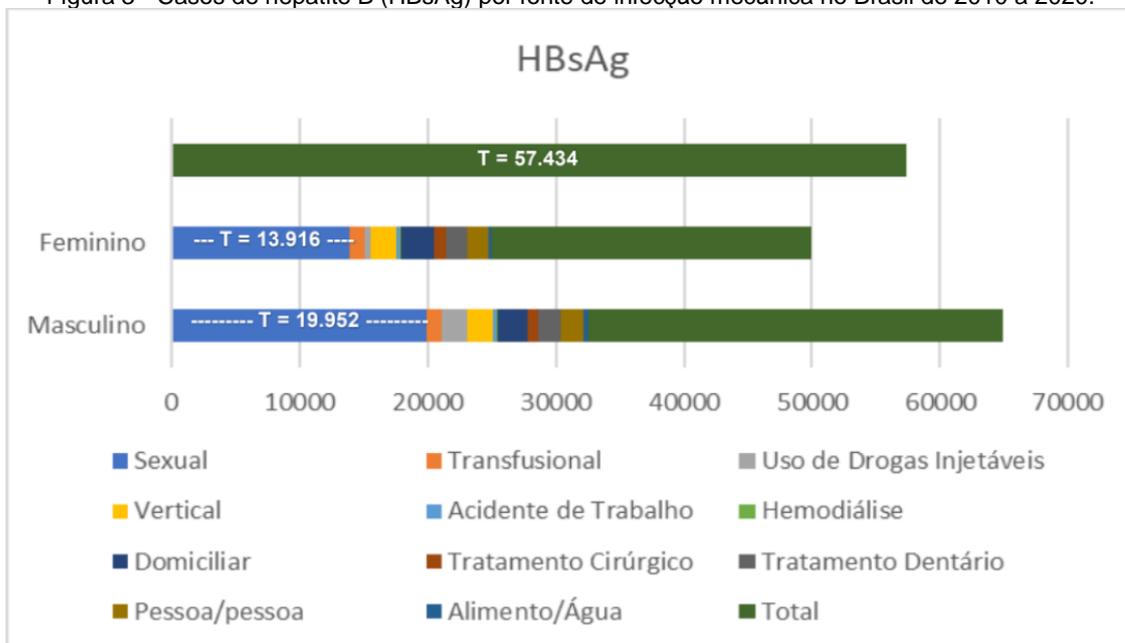
Figura 2 - Casos notificados de hepatite B (HBsAg) por faixa etária no Brasil de 2010 a 2020.



Fonte - Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2023.

Como via de transmissão (Figura 3), os casos confirmados de HBsAg somaram 57.434, onde a via de transmissão sexual apresentou 59,09% (33.868) dos casos, sendo 13.916 casos presentes no sexo feminino e 19.952 no sexo masculino. A via de transmissão vertical apresentou 7,08% (4.067) dos casos.

Figura 3 - Casos de hepatite B (HBsAg) por fonte de infecção mecânica no Brasil de 2010 a 2020.



Fonte - Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net, 2023.

Discussão

Os resultados obtidos durante o período de 2010 a 2020 revelam uma tendência notável na incidência de casos positivos para hepatite B. Destaca-se a região sul do Brasil, com 45.376 notificações, o que representa 35% do total de 138.351 casos registrados. Esses achados assemelham-se aos resultados encontrados por Agostinho et al. (2020), que observaram 40.649 casos (32,2%) entre os anos de 2010 e 2018. Essa expressividade sugere que essa região possua uma infraestrutura econômica mais robusta, resultando em um maior investimento em saúde e, por conseguinte, uma maior taxa de casos diagnosticados (NUNES et al., 2017).

Os achados deste estudo corroboram com estudos prévios, como o de Colares et al. (2023), que também observaram uma redução expressiva nos casos de hepatite B durante a pandemia de Covid-19. A queda no número de casos entre 2019 e 2020 pode ser atribuída a dois principais fatores: subnotificação causada pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde durante o período de distanciamento social, e a diminuição da exposição ao vírus em ambientes públicos e de trabalho, uma vez que houve menos interações interpessoais e aglomerações (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

Quanto à distribuição por faixa etária, a faixa de 20 a 39 anos destaca-se como a mais afetada, contribuindo com 49% dos casos. Essa predominância também foi identificada em estudos realizados por Vieira et al. (2015), que encontraram uma proporção de 53,8%, indicando padrões comportamentais específicos nessa faixa etária, predominantemente sexualmente ativos. Isso destaca a necessidade de estratégias de prevenção e conscientização direcionadas a esse grupo demográfico.

A análise das vias de transmissão revela que, dos 57.441 casos de hepatite B, a transmissão sexual se destaca como a principal, representando 58% (33.874), semelhante ao encontrado por Colares et al. (2023). Essa constatação ressalta a importância de programas de educação sexual e campanhas de conscientização para reduzir a transmissão do vírus, especialmente entre os grupos mais afetados.

Vale ressaltar que 7,08% dos casos são provenientes de transmissão vertical, na qual a infecção pelo VHB em recém-nascidos tende a cronicar em 90%, evoluindo para a hepatite crônica, podendo desenvolver complicações como cirrose e carcinoma hepatocelular (CHAKRAVARTI; RAWAT; JAIN, 2005). Isso pode ser evitado por meio da vacinação e do acompanhamento adequado do pré-natal. Diante disso, torna-se evidente a importância de intensificar as iniciativas de imunização em ambientes hospitalares e maternidades, envolvendo os profissionais de saúde em atividades de formação contínua sobre esse tema (CONCEIÇÃO et al., 2009).

Conclusão

Com base nos dados analisados, conclui-se que a hepatite B é uma doença de grande impacto na saúde pública brasileira, com uma predominância de casos na faixa etária de 20 a 39 anos e uma transmissão principalmente por via sexual. A complexidade do controle da doença reforça a necessidade de abordagens abrangentes de prevenção e educação na comunidade, incluindo programas de educação sexual e campanhas de conscientização, destacando a importância da vacinação contra a hepatite B, ferramenta fundamental para a redução da incidência da doença, visando alcançar uma população mais protegida e reduzir a carga global desta doença no país.

Referências

AGOSTINHO, A. Y. H. et al. Perfil epidemiológico da hepatite B no Brasil: um estudo ecológico. **Revista Portal: Saúde e Sociedade**, v. 5, p. 5-13, 2020.

AMARAL, T. L. M. et al. Hepatite B e C na gestação: características maternas e neonatais. **Revista Interdisciplinar**, v. 8, n. 3, p. 143-150, 2015.

CHAKRAVARTI, A.; RAWAT, D.; JAIN, M. A study on the perinatal transmission of the hepatitis B virus. **Indian Journal of Medical Microbiology**, v. 23, n. 2, p. 128-130, 2005.

COLARES, T. V. et al. Análise epidemiológica de Hepatite B no Brasil, nos anos de 2019 a 2021, no contexto da pandemia de SARS-CoV-2. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 8, p. e13267-e13267, 2023.

CONCEIÇÃO, J. S. et al. Conhecimento dos obstetras sobre a transmissão vertical da hepatite B. **Arquivos de Gastroenterologia**, v. 46, p. 57-61, 2009.

GOMES, M. A. et al. Carcinoma hepatocelular: epidemiologia, biologia, diagnóstico e terapias. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 59, n. 5, p. 514-524, 2013.

MAGNIUS, L. et al. Perfil taxonômico do vírus ICTV: Hepadnaviridae. **Revista de Virologia Geral**, v. 6, n. 101, p. 571-572, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Assuntos. Saúde de A a Z. Hepatites Virais. Hepatite B. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hepatites-virais/hepatite-b>>. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde vai dobrar o número de pacientes com hepatite B em tratamento no Brasil. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/saude-vai-dobrar-o-numero-de-pacientes-com-hepatite-b-em-tratamento-no-brasil>>. Acesso em: 03 de novembro de 2023.

NUNES, H. M. et al. As hepatites virais: aspectos epidemiológicos, clínicos e de prevenção em municípios da Microrregião de Parauapebas, sudeste do estado do Pará, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 8, n. 2, p. 29-35, 2017.

PUDELCO, P.; KOEHLER, A. E.; BISETTO, L. H. L. Impacto da vacinação na redução da hepatite B no Paraná. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 35, p. 78-86, 2014.

VIEIRA, G. DE D. et al. Hepatitis B in Rondônia (Western Amazon Region, Brazil): descriptive analysis and spatial distribution. **Arquivos de Gastroenterologia**, v. 52, n. 1, p. 18-21, 2015.

WORKOWSKI, K. A.; BOLAN, G. A. Sexually transmitted diseases treatment guidelines, 2015. **MMWR. Recommendations and reports: Morbidity and mortality weekly report. Recommendations and reports**, v. 64, n. RR-03, p. 1, 2015.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.